

Lição 3

CRISTO: EXPRESSÃO VISÍVEL DO DEUS INVISÍVEL

“Ele é o retrato do pai.” Alguma vez você já ouviu esse comentário a respeito de um filho muito parecido com o pai? Há casos em que somos levados a pensar: “Até que ponto esse pai e esse filho são iguais?” Se um pai e seu filho se parecem, isto pode ser visto facilmente; mas nem sempre a similaridade é tão evidente. Por exemplo, pai e filho podem ser parecidos em suas ações ou na maneira de pensar; ou podem ter uma personalidade muito semelhante. Quando observamos uma criança, podemos perceber, de muitos modos, como ela se parece com o pai.

Jesus veio ao mundo para mostrar-nos como é Deus Pai. Ele incorpora as Suas características naturais e morais e é a Sua representação visível, posto que Deus Pai é invisível. Através do milagre da encarnação, Jesus tomou a natureza e a forma de homem. Ao fazer isto, deu expressão às qualidades de Deus, comunicando-as aos homens. Afirmou Jesus: “Quem me vê a mim vê o Pai...” (Jo 14.9).

Nesta lição, consideraremos a doutrina Cristo, o qual é “o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa (de Deus) ...” (Hb 1.3). Enquanto meditamos sobre o tempo que Jesus esteve neste mundo e como nos permitiu conhecer o Pai por Seu intermédio, devemos orar fervorosamente para que, de igual modo, reflitamos a beleza do Filho de Deus às outras pessoas.

Esboço da Lição

1. A Humanidade de Cristo
2. A Deidade de Cristo
3. União da Deidade e da Humanidade de Cristo
4. As Obras de Cristo

Objetivos da Lição

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Apontar na Bíblia as evidências da humanidade de Jesus, tais como o Seu nascimento de mulher, a linhagem, o desenvolvimento físico e intelectual, as limitações humanas etc.
2. Alistar os direitos divinos exercidos por Jesus, bem como os Seus atributos que assinalam o Seu caráter divino.
3. Discorrer sobre a natureza e o propósito da encarnação de Cristo.
4. Identificar as obras de Cristo e o seu significado e valor para nós.

TEXTO 1

A HUMANIDADE DE CRISTO

Dentre todos os elementos distintivos da fé cristã, a encarnação de nosso Senhor Jesus Cristo, sem dúvida alguma, é o mais fundamental. A encarnação refere-se à união da divindade com a humanidade, na pessoa de Jesus Cristo. Que Ele, o eterno Filho de Deus, tornou-se homem com o propósito de salvar-nos é um ensino claríssimo nas Escrituras. Deus agiu de maneira completamente nova neste mundo, quando o Seu Filho tornou-se “carne”. Ele foi concebido pelo poder do Espírito Santo no ventre da virgem Maria. Mediante esse ato singular de criação, Deus rompeu a cadeia da geração humana e produziu um ser sobrenatural.

O mistério que circunda esse evento miraculoso dissipa-se um pouco quando percebemos que o mesmo fez parte de uma nova série de atividades da parte de Deus. O Filho de Deus tornou-se carne para livrar o homem, uma criatura de carne e sangue, quando Ele mesmo adquiriu carne e sangue. Ele fez isto a fim de prover a salvação para os homens, mediante a Sua própria morte. Com a encarnação, Deus pôs em movimento o Seu plano de redenção sobre a terra: “Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gl 4.4). Não havia outra maneira pela qual Ele pudesse concretizar o Seu propósito salvífico.

A PESSOA DE JESUS CRISTO

Acerca de Jesus Cristo não pode haver neutralidade. Ou estamos com Ele ou contra Ele. Eis como a Bíblia apresenta a pessoa de Jesus Cristo.

1. **O Verbo de Deus.** A encarnação do Verbo de Deus não é um mero conceito teológico; é um dos maiores mistérios das Sagradas Escrituras, sem o qual seria impossível a nossa redenção. Abrindo o seu evangelho, escreve o discípulo amado: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14). O evangelista deixa bem patente que o Filho de Deus, que se encontrava no seio do Pai, foi concebido pelo Espírito Santo para habitar entre nós. (Sl 2.7; Is 7.14; Jo

1.18; 3.16). Por que João denomina-O Verbo de Deus? Sendo Cristo o executivo do Pai, todas as coisas vieram à existência por intermédio Dele; sem Ele, nada do que é, existiria.

Como o Verbo de Deus, o Senhor Jesus representa ainda a plenitude de toda a revelação do Antigo Testamento: cumprem-se nele a Lei, os Profetas e os Escritos. Foi o que deixou bem claro o autor da Epístola aos Hebreus (Hb 1.1-3). Em Cristo, conforme acentua o apóstolo Paulo, escondem-se todos os tesouros do conhecimento e da sabedoria (Cl 2.3). No capítulo 8 de Provérbios, o Senhor Jesus é descrito como a sabedoria eterna que, no devido tempo, haveria de se manifestar. Já manifestado e já exercendo o Seu ministério, era por todos admirado. Aliás, até mesmos os inimigos eram obrigados a reconhecer que homem algum jamais falara como Ele (Jo 7.4). Como desconhecer-Lhe a sabedoria da doutrina? Como

A encarnação, portanto, é um ponto crucial para o pecador, porquanto possibilitou a reconciliação entre Deus e o homem. Visto que a humanidade de Jesus reveste-se de tão grande significado dentro do plano divino da salvação, importa que consideremos algumas evidências bíblicas de Sua humanidade. Isso inclui os Seus ancestrais, o Seu desenvolvimento como ser humano, a Sua aparência humana, as Suas limitações humanas e os Seus nomes humanos.

Seus Ancestrais e Seu Desenvolvimento Humano

Dois dos escritores dos evangelhos, Mateus e Lucas, traçam a árvore genealógica de Jesus Cristo. Mateus acompanha a Sua linhagem de volta até Davi; e, daí, retrocede ainda mais, até ao patriarca Abraão (Mt 1.1-17). Seus dois objetivos foram os seguintes:

1. Provar que Jesus pertencia à linhagem de Davi, portanto herdeiro do trono de Israel. Doutra sorte, nenhum judeu haveria de aceitá-Lo como Rei ou Messias.
2. Provar que Jesus, como descendente de Abraão, era o Filho da promessa, por meio de quem todas as famílias da terra haveriam de ser abençoadas (ver Gênesis 22.17,18).

ignorar-Lhe a prudência das parábolas? Ou o conhecimento dos conselhos? Como imaginar toda a sabedoria do Universo sendo criada, como ser humano, num lugarejo chamado Nazaré?

2. **Jesus de Nazaré.** Por haver sido criado em Nazaré, o Senhor Jesus tornou-se conhecido como o Nazareno (Mt 2.23). A aldeia pertencia à gentílica Galileia que, de tão desprezível, não é mencionada uma única vez no Antigo Testamento. Aliás, Josefo, contemporâneo de Nosso Senhor, também a ignora. No entanto, Deus fez da envergonhada Nazaré uma das cidades mais conhecidas da literatura sagrada; em seus termos, iniciou Jesus o ministério da redenção da humanidade.

Odiada por causa das gentes que a habitavam, Nazaré levou Natanael a fazer aquela cé-

lebre pergunta a Filipe: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” (Jo 1.46). A cidade que era envergonhada e vil tornar-se-ia, porém, mui honrada, quando o seu nome foi estampado na cruz do Salvador: “Jesus nazareno, rei dos judeus” (Jo 19.19).

Jesus Nazareno! Mostra-nos este título que o Filho de Deus fez-se verdadeiro homem entre os homens. Não era Ele um estranho no ninho. Ativamente participava dos acontecimentos sociais não somente da provinciana Nazaré, como também da capital religiosa e política dos judeus – a cosmopolita Jerusalém.

3. **Filho do homem.** Por que Jesus declarava-se Filho do homem e ocultava o fato de ser Filho de Deus? Temos aí um dos temas mais discutidos da teologia cristã. Que era Ele Filho de Deus, prova-o as Escrituras. Que haja, porém, ocultado o fato a Israel,

Lucas acompanha a linhagem de Jesus de volta até Adão, o primeiro homem (ver Lucas 3.23-38). Entretanto, o propósito tanto de Mateus como de Lucas foi enfatizar o fato da experiência humana de Jesus. Ele nasceu de uma mulher (ver Gálatas 4.4).

Apesar de dizermos que Jesus teve ancestrais humanos, devemos salientar que Ele não teve um pai humano natural. O Seu nascimento foi diferente de todos os nascimentos humanos. Lucas registra a cena na qual o anjo disse a Maria que em breve ela ficaria grávida. A reação imediata da jovem foi: “Como se fará isto, visto que não conheço varão?” (Lc 1.34). Diante da indagação de Maria acerca do nascimento miraculoso de Jesus, que apresentava uma situação aparentemente impossível, o anjo lembrou-lhe que “para Deus, nada é impossível” (v. 37). O nascimento de Jesus foi inteiramente miraculoso; no entanto, foi um nascimento humano.

Jesus desenvolveu-se física e mentalmente, de acordo com as leis ordinárias do crescimento humano. De fato, Seu crescimento e desenvolvimento, como um membro normal da comunidade da aldeia de Nazaré, foram aceitos por seus concidadãos (Mt 13.54-56).

Lucas registrou: “E o menino crescia, e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele” (Lc 2.40). Sabemos que o desenvolvimento mental de Jesus não resultou da instrução que

revelando-o somente aos discípulos, é o que poucos logram entender.

Houve, porém, não poucos israelitas que tiveram o necessário discernimento para receber a visitação do Filho de Deus. Haja vista Zacarias e Isabel (Lc 1.5-17). Simeão e Ana, por seu turno, já esperavam Jesus como o Salvador da humanidade (Lc 2.25-38). E os pastores? E os magos que, do Oriente, vieram adorá-lo como o rei dos judeus? Se estes puderam aceitar o Filho do homem como o Filho de Deus, por que os israelitas fizeram-se tão reticentes e incrédulos? Por que jaziam os seus corações empedernidos pela incredulidade? E por que a sua mente se achava tão necrosada pela apostasia, a ponto de ignorar a vinda do Messias?

“Cristo era um homem completo”. A declaração de Agostinho realça ter sido a humanidade do Filho de Deus mais do que plena. Se a sua con-

cepção, por um lado, fora miraculosa, por outro, o seu nascimento em nada diferiu do nosso (Lc 1.35; 2.6,7). Seu nascimento ocorreu de modo natural, em Belém, conforme o registro de Lc 2.3-12.

Em tudo, semelhante a nós. Ele em nada destoava dos meninos judeus de Nazaré (Lc 2.52). Teve sede e fome (Jo 19.28; 21.9). Era tomado pela fadiga (Mc 4.38). Sentia dores e sabia o que era padecer (Is 53.3). Precocemente envelheceu (Jo 8.57). E, à semelhança dos demais homens, experimentou a morte (Mt 27.50). Somente em uma coisa era Cristo diferente dos demais homens: em tudo Ele foi impecável (Hb 4.15). E através de sua morte, venceu a morte por todos nós. Cabe-nos, aqui, citar Donald English: “Jesus não se tornou idêntico a nós; Ele identificou-se conosco! Sua humanidade, por conseguinte, não era aparente; era mais do que real: verdadeira e plena, porquanto fizeira-se carne e habitou entre nós.

Ele recebeu nas escolas dos Seus dias (Jo 7.15). Antes, resultou do treinamento que Ele recebeu da parte de Seus piedosos pais, da frequência regular à sinagoga (Lc 4.16), de visitas fiéis ao templo (Lc 2.41), do estudo e aplicação das Escrituras e da oração (Mc 1.35; Jo 4.32-34).

Aparência e Limitações Humanas

Todas as evidências indicam que a aparência física de Jesus era similar à de outros homens. De fato, Ele parecia-se tanto com os outros homens em Suas atividades diárias que, quando afirmou que era um com o Pai, Seus ouvintes ficaram muito indignados. Responderam furiosos que Ele era “um mero homem” e, portanto, não tinha qualquer direito de dizer-se Deus (ver João 10.33).

Quando Pilatos, o governador romano, apresentou Jesus aos judeus, antes de proferir a sentença contra Ele, declarou: “Eis o homem” (Jo 19.5). E estando Jesus condenado diante do governador e juiz romano, nenhuma pessoa pôs em dúvida a Sua humanidade. O apóstolo Paulo, anos depois, testificou ao mundo do primeiro século da era cristã que Jesus Cristo foi “achado na forma de homem” (Fp 2.8).

Nenhum dos companheiros íntimos de Jesus jamais duvidou do fato de ser Ele um homem. Mais frequentemente, ficaram impressionados

4. **Filho de Deus.** Se tiveram os judeus dificuldade em receber Jesus como Filho do homem, maiores empecilhos experimentaram em acolhê-lo como o Filho de Deus. Aliás, eles O condenaram à morte justamente por haver Jesus confessado ao clero levítico ser Ele quem, de fato, era: o Filho de Deus (Mt 26.63-67). De acordo com o ensino dos profetas, somente o Filho de Deus poderia ser o Messias de Israel e Salvador do mundo (Sl 2.7,8; Is 7.14; 9.6; Dn 7.13). Declarar-se Filho de Deus equivalia a ser igual a Deus (Jo 5.18).

Filho de Deus e detentor dos mesmos atributos do Pai e do Espírito Santo, o Senhor Jesus faz parte da Santíssima Trindade como a Segunda Pessoa (Mt 28.18; 2 Co 13.13). Por conseguinte, o Evangelho é impossível sem

um Cristo que é, ao mesmo tempo, verdadeiro homem e verdadeiro Deus.

5. **Senhor.** Como não aceitar o Senhorio de Cristo, se tudo Lhe pertence? Através dele Deus criou o mundo e, por seu intermédio, o mesmo Deus governa e sustém todas as coisas. Uma das mais belas profecias messiânicas, encontramos-na nos Salmos. Nela, o Pai concede ao Filho o pleno senhorio do Universo: “Pede-me, e eu te darei os gentios por herança, e os fins da terra por tua possessão” (Sl 2.8). Ele é o Senhor não somente do Universo como também da Igreja, porque tudo Lhe entregou o Pai.

Não podemos aceitá-lo como Salvador e ignorá-lo como Senhor. Ou o aceitamos integralmente, ou integralmente o negamos. Bem

pelo fato de Ele ser um homem extraordinário: “Quem é este, que até o vento e o mar lhe obedecem?” (Mc 4.41).

Quando Jesus assumiu a natureza e a forma humanas, sujeitou-se voluntariamente às limitações próprias da humanidade. Em resultado, ocasionalmente, Ele também se sentiu cansado (Jo 4.6), faminto (Mc 11.12) e sedento (Jo 19.28). Também ficou sujeito a tentações (Mt 4.1-11) e foi fortalecido pelo Pai, quando orou pedindo forças (Lc 22.42-44). Também experimentou a dor (1 Pe 4.1) e, finalmente, a própria morte (1 Co 15:3). Essa foi a maior de todas as provas das limitações que a Sua humanidade Lhe impusera.

Nomes Humanos de Jesus

Os nomes conferidos a Jesus também indicam a Sua humanidade. Quando o anjo comunicou a José o nascimento de Jesus, ordenou-lhe que desse ao menino o nome de Jesus, que é apenas a forma grega do nome que aparece no Antigo Testamento, Josué (ver Mt 1.21), e que significa “Salvador”. Ele também foi chamado de “filho de Davi” e “filho de Abraão” (Mt 1.1). Porém, o nome mais frequentemente aplicado a Jesus nas Escrituras, e do qual Ele parecia mais gostar, era Filho do Homem, o nome que apresenta mais claramente a Sua Humanidade.

afirmou Hug C. Burr: “Jesus não pode ser o nosso Salvador, a não ser que primeiramente seja nosso Senhor”. Hoje, infelizmente, pregamos um salvador que nenhum senhorio reivindica sobre os Seus filhos. Um salvador que concede a prosperidade, mas dispensa-nos da angústia quanto a um mundo que, celeremente, caminha para o inferno; um salvador, enfim, hedonista e comprometido com este mundo.

Cristo é o Senhor dos senhores não somente por ser a segunda pessoa da Santíssima Trindade, mas porque venceu, na cruz, o Diabo e o império da morte (Ap 5.9). Por isso, pôde declarar logo após a Sua ressurreição: “É-me dado todo o poder no céu e na terra” (Mt 28.28).

Se Ele é o Senhor de tudo quanto existe, por que muitas coisas ainda não Lhe estão sob o controle? É o que indagam os céticos. Apesar de tais perguntas, estejamos seguro de algo:

“Ele está no controle de tudo”. Quando Ele voltar para a implantação do Milênio, as nações todas serão por Ele regidas; no término do reino milenial, até a própria morte terá de curvar-se ante o Senhor. Afinal, Jesus é a ressurreição e a vida (Jo 11.25; 1 Co 15.26). Mesmo em sua morte, conforme acentua Beasley-Murray, continuou Senhor de tudo: “O Senhor que deixou vago o seu túmulo não deixou vago o seu trono”. O que isto significa? Quer em Sua humilhação, quer em Sua exaltação e glorificação, Ele jamais deixou de ser Senhor. Assim o reconheceram os discípulos. Conforme já afirmamos, Jesus foi Senhor mesmo em seu estado de esvaziamento e humilhação. Temporariamente servo, eternamente Senhor.

Jesus usava esse nome quando queria falar de Si mesmo (Mt 26.64,65). Entretanto, você poderá observar que Ele não afirmava ser tão somente um filho de homem, mas era o Filho do Homem. Esta expressão não somente subentende que Ele era verdadeiro homem, mas também que Ele representava a humanidade inteira.

EXERCÍCIOS

Associe a Coluna “A” à Coluna “B”

Quanto às evidências da humanidade de Jesus

Coluna “A”

- ___3.01 Jesus experimentou o cansaço, a fome e, finalmente, a morte.
- ___3.02 Jesus recebeu um nome que é a forma grega do nome Josué, que aparece no Antigo Testamento, além de outros títulos.
- ___3.03 Os escritores sagrados traçam a linhagem de Jesus até Davi, Abraão e Adão.
- ___3.04 Ao proferir a sentença contra Jesus, declarou Pilatos: “Eis o homem!” (Jo 19.5).
- ___3.05 Jesus demonstrou um progresso mental, físico, espiritual e social (Lc 2.40).

Coluna “B”

- A. Ancestrais humanos.
- B. Desenvolvimento humano.
- C. Aparência humana.
- D. Limitações humanas.
- E. Nomes humanos.

Marque “C” para certo e “E” para errado

- ___3.06 Mateus acompanha a linhagem de Jesus retrocedendo até Davi e, daí, até ao patriarca Abraão, objetivando provar que Jesus pertencia à linhagem de Davi.

- ___3.07 Lucas traça a árvore genealógica de Jesus, acompanhando a Sua linhagem de volta até Adão, o primeiro homem.
- ___3.08 Conforme Mateus 13.54-56, o crescimento e desenvolvimento de Jesus, como um membro normal da comunidade da aldeia de Nazaré, foram aceitos por seus concidadãos.
- ___3.09 Conforme João 7.15, o desenvolvimento mental de Jesus resultou da instrução que Ele recebeu nas escolas dos Seus dias.
- ___3.10 O treinamento que Jesus recebeu de Seus piedosos pais, sua frequência à sinagoga, suas visitas ao templo, o estudo e aplicação das Escrituras, somados à oração, em nada contribuíram para o seu desenvolvimento.

TEXTO 2

A DEIDADE DE CRISTO

No Texto anterior, examinamos as provas bíblicas da humanidade de Cristo e verificamos que são conclusivas, não dando margem a dúvidas. Consideraremos, agora, os fatos bíblicos referentes à deidade do Senhor Jesus, tais como os Seus direitos e atributos divinos, e à importância deste aspecto do Seu Ser para nós.

A CONCEPÇÃO VIRGINAL DE CRISTO

Ao comentar a concepção virginal de Cristo, afirmou Mathew Henry: “O mesmo Deus que tirou uma mulher sem mãe do lado de um homem tirou um homem sem pai do corpo de uma mulher”. Negar a concepção sobrenatural de Nosso Senhor seria destruir a principal coluna do Novo Testamento. Se Cristo não fora virginalmente concebido, sua divindade seria uma mentira. Neste caso, como poderia Ele salvar os que O recebem pela fé?

Antes de definirmos a concepção virginal de Nosso Senhor, vejamos em que difere esta daquilo que se convencionou chamar de “nascimento virginal”.

1. **O nascimento virginal.** Na concepção do Verbo de Deus, não houve o que se convencionou chamar de nas-

cimento virginal; o que realmente se deu foi o mistério da concepção virginal, conforme profetizou Isaías: “Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel” (Is 7.14; Mt 1.25-24; Lc 1.35). Seu nascimento ocorreu naturalmente, conforme o registro de Lucas 2.3-12. Maria, como as demais mulheres, sentiu as dores de parto ao dar à luz o Cristo; e Jesus, à nossa semelhança, deixou o ventre materno de modo natural, e não sobrenaturalmente, ao nascer em Belém de Judá.

E a sua concepção? Se o seu nascimento foi natural, a sua concepção foi, frisamos, um ato miraculoso, operado pelo Espírito Santo. (Lc 1.30-35).

O nascimento virginal de Cristo é uma doutrina essencialmente católica romana. Ela as-

A primeira linha de evidências que consideraremos concernente à deidade de Cristo é que Ele exercia direitos divinos pertencentes somente a Deus. Esses direitos divinos incluem receber adoração da parte dos homens, perdoar pecados, ressuscitar mortos e exercer a autoridade de julgar.

Adoração da parte dos homens. Visto que Deus, nos Dez Mandamentos, proibiu a adoração a qualquer deus (ver Êxodo 20.3-5), teria sido um ato de blasfêmia, se Jesus não fosse o verdadeiro Deus. (Blasfemar é insultar a Deus ou afirmar-se divino, quando isto não corresponde à realidade dos fatos). Quando Jesus foi submetido a teste, pelo diabo, Ele reafirmou o mandamento que ordena adorarmos e servirmos exclusivamente ao Senhor (ver Mateus 4.10). No entanto, Jesus reivindicou o direito de ser adorado pelos homens.

A Bíblia revela-nos que quando as pessoas, em sua ignorância, tentaram adorar os apóstolos, eles repeliram vigorosamente tal adoração (ver Atos 10.25,26; 14.11-18). Os próprios anjos recusam ser adorados, visto que toda a adoração deve ser dirigida a Deus (Ap 19.10; 22.8,9). Mas, se os apóstolos, que eram homens comuns, recusavam-se a serem adorados, Jesus aceitava a adoração da parte dos homens como um direito que Lhe pertencia. E afirmou que honrá-Lo era obrigação de todas as pessoas (João 5.23).

segura que, quando do nascimento de Jesus, saiu Ele do ventre de Maria sobrenaturalmente, deixando-a perpetuamente virgem. A Bíblia, porém, afirma que Jesus, embora sobrenatural e virginalmente concebido, teve um nascimento como o de qualquer outra criança. Quanto à sua mãe, após dá-lo à luz, passou a conviver plenamente com o seu marido, José; desse convívio, tiveram outros filhos (Mt 13.55).

Portanto, tomemos muito cuidado com a sutileza de determinados conceitos e termos teológicos; se não forem bem definidos, comprometerão importantes artigos de fé.

2. **A concepção virginal.** A concepção virginal de Cristo constituiu-se na descida do Espírito Santo sobre Maria, gerando em seu ventre, sem qualquer auxílio humano, o Verbo de Deus. Através deste ato mira-

culoso, tornou-se Jesus, também, verdadeiro homem. O Verbo fez-se carne e habitou entre nós (Jo 1.14).

Conhecida também como a encarnação do Filho de Deus, a concepção virginal é vista por Paulo como o mistério da piedade: “E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou em carne, foi justificado no Espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, recebido acima na glória” (1 Tm 3.16). Atanásio é categórico quanto a esta doutrina: “Cristo tornou-se o que somos para fazer de nós o que Ele é”. Sem a doutrina da concepção virginal de Cristo, sua obra na cruz não teria sentido algum.

A concepção virginal de Cristo é um dos dois milagres que jamais se repetirão. O primeiro é a inspiração verbal e plenária das Escrituras Sagradas.

Perdoar pecados. Em segundo lugar, vemos que Jesus exerceu o Seu direito de perdoar pecados – um direito reservado somente a Deus (ver Marcos 2.7). Jesus, porém, nunca hesitou em exercer este Seu direito, embora Seus inimigos sempre ficassem muito perturbados diante do fato (Mt 9.2-6).

Ressuscitar mortos. Jesus também exercia o direito de dar vida (ver João 5.21; 10.10). Pelo menos em três ocasiões, Jesus devolveu a vida às pessoas (Lc 7.11-17; 8.40-56; Jo 11.1-44). E, no futuro, todos os crentes que tiverem morrido, haverão de ressuscitar em virtude de Sua poderosa voz (Jo 5.21-30). Como é óbvio, conceder vida é algo que nenhum homem é capaz de fazer por poder próprio.

Autoridade para julgar. Um quarto exemplo do exercício de direitos divinos, por parte de Jesus, foi a Sua autoridade para julgar: “E também o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo” (Jo 5.22). Nas referências abaixo, o leitor poderá obter maior discernimento quanto ao direito que Jesus tinha de julgar: Mateus 25.31-46; Atos 10.42; 17.31 e 2 Coríntios 5.10.

Jesus exerceu todos esses direitos, e outros, sem a mínima hesitação. Se ele tivesse feito isso, sem ser Deus, teria sido presunção (ir além do que é direito) e blasfêmia. Isto sem mencionar o fato de que um mero homem é incapaz de ressuscitar mortos.

Caráter Divino

O caráter de Jesus deixava as pessoas admiradas. Elas maravilhavam-se com Sua atitude e Sua conduta, sob todas as circunstâncias. Suas reações às situações da vida revelavam claramente que Ele era diferente dos outros homens. Ele possuía os mesmos atributos morais e naturais de Deus Pai.

Atributos Morais. Jesus viveu uma vida de tão notória santidade, que um dos Seus mais íntimos associados escreveu a respeito Dele: “... o qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano” (1 Pe 2.22). Seus inimigos não puderam provar que Ele fosse culpado de qualquer pecado, mesmo porque Ele era impecável (Jo 8.46). Nenhum ser humano comum é capaz de ter uma conduta deste nível; mas Jesus era muito mais que um ser humano comum.

O Seu amor também o distinguia dos homens ordinários. Ele provou o Seu amor no trato com pessoas de todos os níveis da sociedade humana e em todas as situações na vida (ver Lucas 19.10; comparar Mateus 11.19 a Marcos 10.17-22). Ele orou por Seus seguidores e também

por Seus inimigos (Jo 17,9,20; Lc 23:34). Essa perfeita qualidade do Seu amor revela-nos que Ele é o próprio Filho de Deus.

O amor de Jesus pelos homens foi demonstrado de muitas maneiras. Ele mostrava genuína humildade e mansidão. Quando deu início ao Seu ministério público, estava motivado pelo desejo de servir (Mt 20.28). Na qualidade de Senhor e Professor, Ele ilustrava o verdadeiro significado do serviço, como quando lavou os pés dos discípulos (Jo 13.14). Mostrava-se gentil para com as pessoas pecaminosas (Lc 7.37-39, 44-50), com aqueles que duvidavam Dele (Jo 20.29), e até com aqueles que O haviam abandonado (Lc 22.61; Jo 21.15-23). Com todo o amor, Jesus demonstrou realmente os princípios que ensinava! Nenhum ser humano comum viveu uma vida tão caracterizada pelo amor.

O amor de Jesus revelou-se com maior clareza por meio do Seu amor ao Pai. Jesus demonstrou, por Seu exemplo, que o segredo da vida espiritual eficaz depende de um íntimo relacionamento com Deus. Nenhum ser humano comum poderia orar como Ele orou, com intensidade (ver Lucas 22.39-44), de maneira regular e por longos períodos de tempo. Algumas vezes, Jesus orava uma noite inteira. Outras vezes, levantava-se bem cedo pela manhã, a fim de orar (ver Marcos 1.35). Ele deixou um perfeito exemplo de como devemos manter e desenvolver a nossa vida espiritual (ver 1 Pedro 2.21).

Nenhuma pessoa que estivesse familiarizada com Jesus poderia duvidar de Sua humanidade. E também ninguém poderia equiparar-se a Ele em Suas perfeições, por melhor ser humano que fosse. Sendo um perfeito exemplo de santidade e amor, Jesus, de acordo com as palavras de Pedro, é “o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16.16).

Atributos Naturais

Paulo declarou que Jesus Cristo é o poder e a sabedoria de Deus (ver 1 Coríntios 1.24), como também que Deus agradou-se em fazer toda a Sua plenitude habitar no Filho (Cl 1.19; 2.9). Mateus concluiu o registro do evangelho que tem o seu nome com estas palavras de Jesus: “É-me dado todo o poder, no céu e na terra” (Mt 28.18). Essas passagens bíblicas revelam que Jesus, a segunda Pessoa da Trindade, é onipotente. Todos os anjos, todas as autoridades, todos os poderes do universo estão sujeitos ao Seu mando e autoridade (ver 1 Pedro 3.22).

A Bíblia ensina também que Jesus é onipresente (está presente em todos os lugares ao mesmo tempo). Paulo diz que Deus Pai sujeitou ao

Filho todas as coisas, e que o Filho é “a plenitude daquele que cumpre tudo em todos” (Ef 1.23). Quão grande encorajamento recebemos quando lembramos que Ele cumprirá a promessa de estar conosco, mesmo quando alguns poucos dentre nós reúnem-se para adorá-Lo (Mt 18.20). Apesar de, em certas ocasiões, não sentirmos a Sua presença, podemos estar certos de que Ele está conosco em todos os instantes!

Jesus Cristo também é onisciente – Ele sabe todas as coisas (Jo 2.24-25; 16.30; 21.17). Paulo refere-se ao ministério de Deus, o qual, segundo ele esclarece, é Cristo, “em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência” (Cl 2.2,3). Jesus tinha consciência plena da vida pecaminosa da mulher samaritana (Jo 4), dos pensamentos dos fariseus (Lc 6.8), de quando e de como Ele haveria de deixar o mundo (Jo 12.33; 13.1), da natureza e do fim da nossa era presente (Mt 24 e 25; Mc 13; Lc 21).

Certos textos bíblicos levam-nos a examinar mais de perto as características da onisciência de Jesus. Por exemplo, o trecho de Mateus 24.36 indica que Ele não sabia a data do Seu regresso a este mundo; e Marcos registrou que Jesus aproximou-se da figueira esperando encontrar fruto nela e ficou desapontado (Mc 11.13).

É importante salientar, a esta altura, que nos dias em que Ele esteve no mundo, ou seja, nos dias da Sua vivência terrestre, Jesus desistiu do direito de exercer de maneira independente as Suas prerrogativas divinas. Ele preferiu, propositadamente, não se utilizar de Seus poderes divinos, aos quais poderia ter apelado a fim de escapar da cruz; recusou-se a lançar mão desses poderes (Mt 26.52-54). Jesus fez isso por Sua livre e espontânea vontade, porque sabia que, a menos que se submetesse ao sofrimento e à morte, jamais poderia cumprir a Sua missão de morrer em lugar de homens pecaminosos. Mas agora que a Sua missão terrena se cumpriu, Ele retomou todas as Suas características divinas, incluindo o Seu atributo de conhecer todas as coisas.

Jesus aparece nas Escrituras como o eterno Filho de Deus (Jo 1.1; 1 Jo 1.1; Mq 5.2). Ele sempre existiu e continuará existindo para sempre (Hb 1.11,12; 13:8). Essas passagens bíblicas também declaram que Jesus Cristo não muda. Essas características que acabamos de considerar são os atributos naturais de Deus. Portanto elas demonstram claramente a deidade de Jesus Cristo.

Reivindicações de Sua Deidade

Jesus declarou abertamente que Ele era Deus. Às vésperas da Sua morte, Ele apelou para que os Seus apóstolos aceitassem essas

reivindicações, com base em Suas obras missionárias (Jo 14.11). Quais eram as Suas reivindicações? Ei-las:

1. Disse aos judeus que Ele e o Pai eram um (Jo 10.30).
2. Acusado diante do concílio dos anciãos, novamente declarou que era o Filho de Deus (Lc 22.70,71; Jo 19.7).
3. Asseverou que a salvação só pode ser obtida por intermédio Dele (Jo 10.9).
4. Afirmou ser o único caminho de acesso ao Pai (Jo 14.6).
5. Garantiu que ninguém pode fazer coisa alguma, sem que Ele o capacite (Jo 15.5).
6. Durante Seu ministério de ensino, testificou de Sua preexistência (Jo 8.58; 17.5).
7. Ele instruiu os discípulos para que orassem em Seu nome (Jo 16.23).
8. Quando enviou os discípulos para ministrar, conferiu-lhes o poder de realizarem milagres (Lc 9.1,2).

Todas essas declarações e reivindicações, além das obras miraculosas realizadas por Jesus, proveem para nós a sólida evidência que Ele é Deus.

Nomes que Indicam Deidade

Nomes que só poderiam ser aplicados a Deus são dados a Jesus Cristo, por todas as páginas do Novo Testamento. Os escritores, inspirados pelo Santo Espírito, frequentemente referem-se a Ele chamando-O de o Filho de Deus. Uma voz que se fez ouvir do céu, em duas oportunidades diferentes, afirmou ser Ele o Filho de Deus (ver Mateus 3.17; 17.5). E Jesus também empregou esse título para falar de Si mesmo (Jo 10.36).

Outro nome que indica a deidade de Jesus foi predito pelo profeta Isaías, tendo sido repetido pelo anjo que veio falar com José (ver Isaías 7.14 e Mateus 1.22,23). O menino seria chamado de Emanuel, que significa “Deus conosco” (Mt 1.23). A Deidade veio viver por algum tempo nesta terra, juntamente com os homens (Jo 1.14).

O apóstolo João escreveu que Jesus é a Palavra de Deus. Para nós, esse título pode parecer estranho; mas, naqueles dias, os filósofos faziam

a ideia de que é possível sumarizar, no conceito da palavra, toda a razão e todo o poder que há por detrás do poder do universo. No grego, esse termo era Logos e, em nossa versão portuguesa, é traduzido por “Verbo”, visto que esse vocábulo é do gênero masculino, enquanto “Palavra” é do gênero feminino. Escreveu, pois, o apóstolo João: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós...” (Jo 1.14). As palavras ditas por uma pessoa exprimem aquilo que ela está pensando. A Palavra de Deus é o pensamento de Deus, expresso de tal maneira que os homens são capazes de entendê-lo. Deus não está separado da Sua criação. Antes, Ele revela-se a nós. João declarou que a Palavra (Jesus) é Deus desde a eternidade (ver João 1.1,2).

Jesus também é chamado de Deus. Paulo escreveu dizendo que nós estamos “aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo” (Tt 2.13).

O nome hebraico *Messiah* com frequência era usado em conexão com Jesus. Este mesmo nome, em sua forma grega, é Cristo. A tradução portuguesa deste nome seria Ungido. Para o povo hebreu, o que era um ungido? Na cultura deles, quando Deus chamava uma pessoa para fazer alguma obra especial, tal pessoa era ungida por um líder religioso, que lhe derramava azeite sobre a cabeça. Isso simbolizava a separação dessa pessoa para aquele serviço ao Senhor. O povo hebreu estava acostumado com a unção dos profetas, dos sacerdotes e dos reis. Assim, quando Pedro declarou que Jesus era tanto Senhor quanto Cristo, os seus ouvintes entenderam claramente o que ele quis dizer (ver Atos 2.36). A reação de milhares de pessoas mostra que elas aceitaram Jesus como o seu Messias, como o Ungido.

Jesus também era chamado Senhor. Algumas vezes, esse nome era usado como mero título de cortesia; mas, em muitas ocasiões, foi usado em respeito pela Sua deidade. (Ver Lucas 1.43; 2.11; João 20.28; Atos 16.31 e 1 Coríntios 12.3). Esse nome, conforme foi por muitas vezes usado para indicar nosso Senhor, provém do termo hebraico *Yahweh*. Dessa maneira, Cristo, o Messias, deve ser identificado com o Jeová do Antigo Testamento.

EXERCÍCIOS

Assinale com “X” a alternativa correta

3.11 São direitos divinos exercidos por Jesus, e que comprovam a Sua divindade:

____a) receber adoração da parte dos homens;

- ___b) perdoar pecados e ressuscitar mortos;
 - ___c) e exercer a autoridade de julgar;
 - ___d) Todas as alternativas estão corretas.
- 3.12 Jesus possui os mesmos atributos morais de Deus Pai. São eles:
- ___a) amor e onipotência.
 - ___b) santidade e amor.
 - ___c) santidade e onisciência.
 - ___d) Todas as alternativas estão corretas.
- 3.13 Possuindo os mesmos atributos naturais e incommunicáveis de Deus, que comprovam a Sua deidade, Jesus é:
- ___a) onipotente, onisciente, onipresente, eterno e imutável.
 - ___b) onipotente, onisciente, onipresente e santo.
 - ___c) onisciente, justo e amoroso.
 - ___d) Todas as alternativas estão corretas.
- 3.14 Nome que indica a deidade de Jesus:
- ___a) Filho de Deus.
 - ___b) Emanuel.
 - ___c) Messias.
 - ___d) Todas as alternativas estão corretas.
- 3.15 Reivindicações de Sua deidade feitas pelo próprio Senhor Jesus:
- ___a) que Ele é o Filho de Deus e Ele e o Pai são um.
 - ___b) que Ele é o único caminho para o Pai.
 - ___c) que orassem em Seu nome.
 - ___d) Todas as alternativas estão corretas.

TEXTO 3

UNIÃO DA DEIDADE E DA HUMANIDADE EM CRISTO

A doutrina da encarnação foi uma questão que permaneceu sem solução, nos primeiros tempos da Igreja cristã. A doutrina da Trindade estava solidamente alicerçada sobre as Escrituras do Antigo Testamento,

sobre a experiência dos discípulos íntimos de Jesus e sobre os escritos inspirados do Novo Testamento. Porém, a questão que produziu muita especulação foi a seguinte: como seria possível que o Filho eterno, que é igualmente Deus junto com o Pai e da mesma substância ou essência do Pai, houvesse se tornado carne humana, passando a ser um homem como qualquer outro?

Algumas pessoas, na tentativa de explicar a encarnação, enfatizavam de tal maneira a humanidade de Jesus que, para todos os efeitos práticos, negavam a Sua deidade. Mas outros faziam precisamente o oposto: salientavam a Sua deidade de tal modo que quase negavam a realidade da Sua humanidade. Eventualmente, os primeiros líderes da Igreja foram capazes de chegar a uma definição da encarnação, que continua a ser considerada fundamental para a fé cristã a respeito da pessoa de Jesus Cristo.

O ESVAZIAMENTO DE CRISTO

Em sua encarnação, o Cristo tornou-se em tudo semelhante a nós, exceto quanto ao pecado. Foi o que escreveu o apóstolo Paulo: “Mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz” (Fp 2,7,8). Mas o que é o esvaziamento de Cristo? Qual a sua importância na história de nossa salvação?

1. **O esvaziamento de Cristo.** Esta doutrina, conhecida também como *kenósis*, tem como objetivo explicar o estado de humilhação de Cristo quando de sua encarnação e morte. A *kenósis* teve início com a sua concepção virginal. Ao fazer-se homem, renunciou Ele, temporariamente, a glória da divindade (Fp 2,1-6). O capítulo 53 de Isaías é a passagem que melhor retrata a *kenósis*. Segundo vaticina o profeta, em Jesus não havia beleza nem formosura; era um homem de dores e que sabia o que é padecer. Nesta humilhação, porém, Deus exaltou o homem às regiões celestes.

Quando se trata da *kenósis* de Cristo, há que se tomar muito cuidado. É contra a doutrina do Novo Testamento afirmar haver o Senhor Jesus se esvaziado de sua divindade. Ao encarnar-se, esvaziara-se Ele apenas de sua glória. Em todo o seu ministério terreno, agiu como verdadeiro homem e verdadeiro Deus.

2. **O verdadeiro sentido da *kenósis*.** Conforme já frisamos, o Senhor Jesus, em momento algum, esvaziou-se de sua divindade. Esta doutrina acha-se bem patente em sua oração sacerdotal. No jardim da agonia, não reivindica ao Pai a sua divindade, porquanto jamais a perdera; reivindica, sim, aquela imarcescível e eterna glória: “E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse” (Jo 17,5). Já ressurreto e, agora, à mão direita de Deus, volta a desfrutar da eterna glória. No Apocalipse, João o vê plenamente glorificado.

Características da Encarnação

A definição da encarnação de Jesus, estabelecida pelos primeiros líderes cristãos (em uma reunião chamada Concílio de Calcedônia, efetuada em 451 d.C.), é a seguinte:

“Nosso Senhor Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, da mesma substância que o Pai, em todas as coisas, quanto à Sua divindade; mas, em Sua humanidade, igual a nós em todas as coisas, exceto no pecado. Assim, Jesus é conhecido em duas naturezas: a divina e a humana. Estas duas naturezas são distintas uma da outra. Esta distinção não foi destruída pela união das duas naturezas; as características singulares de cada natureza foram mantidas.”

Esta definição por certo não remove o mistério da encarnação. Pelo contrário, todos os cristãos verdadeiros compartilham do senso de admiração expresso pelo apóstolo Paulo: “E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou em carne...” (1 Tm 3.16). Haveremos de entender melhor este difícil conceito, quando considerarmos a união da natureza humana e da natureza divina em Jesus, bem como o significado desse evento sem igual.

Quando falamos sobre as naturezas humana e divina de Cristo, estamos aludindo ao Seu ser essencial, à Sua realidade. Quando afirmamos que Jesus tem a natureza divina, queremos dizer que todas as qualidades, propriedades ou atributos que alguém poderia usar para descrever Deus são usados, igualmente, para Jesus Cristo. Em outras palavras, Jesus é Deus. Jesus não é apenas como Deus, mas é Deus.

E quando dizemos que Jesus tem a natureza humana, queremos dar a entender que Jesus Cristo não é Deus fingindo-se homem – Ele é também homem. Ele não é apenas homem, e nem é apenas Deus. Antes, Ele é o Deus que “se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1.14). Jesus não deixou de ser Deus quando se tornou homem. Ele não trocou a Sua deidade pela humanidade. Ao invés disso, Ele assumiu a humanidade. Em outras palavras, Ele adicionou a natureza humana à Sua natureza divina. Por conseguinte, por causa da encarnação, Jesus é tanto Deus quanto homem. Ele é o Deus-homem.

Jesus, como Cristo, tinha todas as qualidades pertencentes aos seres humanos, incluindo as físicas. Entretanto, não podemos dizer que, no nível mais profundo do Seu ser, Ele é uma pessoa humana. Ele é uma

pessoa divina, dotada da natureza humana. Em outras palavras, Ele não acrescentou a personalidade humana à Sua própria natureza; antes, Ele acrescentou a natureza humana à sua própria personalidade. A Sua personalidade divina ocupa o nível mais profundo do Seu Ser. Se Ele não fosse uma pessoa divina, não poderia ser objeto da nossa adoração; pois aos servos de Deus é ordenado que adorem exclusivamente a Deus.

Portanto, vemos que o Filho encarnado une, em Sua própria pessoa, a verdadeira deidade com a verdadeira humanidade. Dessa maneira, há uma tal comunhão de qualidades em Jesus Cristo, que podemos falar a respeito Dele de qualquer maneira que seja próprio falar, tanto a respeito de Deus quanto a respeito do homem.

Razões da Encarnação

Devido ao nosso estado limitado, nunca seremos capazes de entender plenamente por que razão o nosso Senhor tornou-se homem. O que poderia ter motivado o Filho de Deus a vir à terra, tornando-se parte de uma raça que havia caído no pecado, vendo-se cercado pela inveja e pelo ódio dos homens?

Em primeiro lugar, Deus não poderia morrer. E era necessário que houvesse um sacrifício, sem defeito, pelo pecado. Visto que a humanidade inteira compõe-se de indivíduos pecadores, Deus tornou-se carne a fim de prover o sacrifício perfeito, pagando a penalidade imposta ao pecado (ver Hebreus 2.9). Em segundo lugar, através da encarnação, Jesus revelou o Pai à humanidade, em toda a sua inatingível excelência e beleza espiritual (Jo 14.7-11). Em terceiro lugar, ao tornar-se homem, nosso Senhor nos forneceu um exemplo apropriado (1 Pe 2.21-25). Quando examinamos as Suas reações diante da condição humana, somos capazes de nos identificar com Ele, reconhecendo que o grande alvo da vida cristã é a semelhança com Cristo (ver Romanos 8.29).

Jesus disse aos Seus discípulos que os estava enviando ao mundo, da mesma maneira que o Pai O enviara (Jo 17.18; 20.21). Esse mandamento consiste no anúncio da misericordiosa provisão divina da salvação a todos quantos confiarem. Faz parte da Grande Comissão ir ao mundo inteiro, anunciando o evangelho a toda criatura (Mc 16.15). Jesus foi a provisão divina para a nossa salvação. E nós devemos anunciar estas boas-novas a todas as pessoas.

EXERCÍCIOS

Assinale com “X” a alternativa correta

- 3.16 A declaração que reflete com exatidão a doutrina cristã acerca da natureza da encarnação do Senhor Jesus Cristo é:
- ___a) Jesus era Deus passando-se por homem.
 - ___b) Jesus deixou de ser Deus para tornar-se homem.
 - ___c) Jesus é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem.
 - ___d) Todas as alternativas estão corretas.
- 3.17 As Escrituras revelam-nos que Jesus Cristo
- ___a) é uma pessoa humana que assumiu a divindade.
 - ___b) é uma pessoa divina que assumiu a nossa natureza humana.
 - ___c) trocou a sua deidade pela humanidade.
 - ___d) Todas as alternativas estão corretas.
- 3.18 O propósito principal da encarnação foi
- ___a) pôr em ação o plano de redenção do homem, traçado por Deus.
 - ___b) pôr fim aos dez mandamentos.
 - ___c) estabelecer um exemplo moral para a humanidade seguir.
 - ___d) Todas as alternativas estão corretas.

TEXTO 4

AS OBRAS DE CRISTO

Passaremos agora a examinar as obras de Cristo. Quando falamos nas Suas obras, referimo-nos à morte, à ressurreição, à ascensão e à exaltação de Cristo, como também aos Seus milagres. Consideraremos essas obras, na ordem certa de sua ocorrência.

A Morte de Cristo

A morte de Jesus Cristo foi diferente da morte de qualquer outro homem. Em primeiro lugar, Sua morte foi inteiramente voluntária. Disse Ele acerca de Sua morte: “... dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou...” (Jo 10.17,18). Quando chegou o momento de morrer, Jesus liberou o Seu espírito (ver

Mateus 27.50). A morte não Lhe foi imposta por Satanás ou pelo poder dominador dos soldados romanos. Antes, Ele aceitou a morte como a vontade do Pai, com vistas à salvação da humanidade.

A morte de Cristo foi uma obra, pois pagou a penalidade imposta ao nosso pecado. A penalidade imposta ao pecado é a eterna separação entre o pecador e Deus. Sua morte foi o preço que Ele pagou pela nossa salvação. Quando estava a morrer na cruz, Jesus experimentou essa horrenda separação. E Ele clamou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mc 15.34). Por meio dessa realização, Cristo aplacou, ou acalmou, a ira de Deus, despertada pelo nosso pecado. Ele permitiu que caísse sobre Si o golpe da justiça de Deus. Por meio de Seu sacrifício, Cristo fez expiação pelos nossos pecados, cobrindo-os com os efeitos de Sua morte, pois morreu como o nosso substituto. E Ele fez isso para que pudéssemos ser perdoados e restaurados para uma posição de harmonia com Deus.

Através dos séculos, os homens têm procurado desviar a ira dos seus supostos deuses. Que patéticos têm sido sempre os seus esforços! Eles têm apresentado ofertas e feito sacrifícios de sangue, mas fazem tudo sem nunca saberem se os seus sacrifícios foram aceitos ou não. Para exemplificar, os índios astecas tinham grande temor daquilo que pensavam ser os seus deuses. Eles ofereciam tantos sacrifícios humanos quanto imaginavam ser necessários; mas seus esforços generosos, sinceros e tão custosos sempre foram em vão. A resposta de seus sacerdotes era sempre a mesma: “Nossos deuses exigem mais sangue!”

OS TRÊS OFÍCIOS DE CRISTO

Escreveu Robert Murray M. Cheyne: “Se eu pudesse ouvir Cristo intercedendo por mim no quarto ao lado, não temeria um milhão de inimigos. No entanto, a distância não faz diferença: ele está intercedendo por mim!”. Além de ser o nosso sacerdote, o Senhor Jesus é o esperado profeta e o Rei dos reis. Somente Ele teve condições de exercer, concomitantemente, os três ofícios sagrados do Antigo Testamento.

1. **O Profeta que havia de vir.** Como profeta, Jesus não se limitou a revelar o futuro. Ele ensinou, repreendeu os soberbos e realizou sinais e maravilhas, levando todos a uma singular admiração (Lc 7.16). Leia Deuteronômio 18.15.

2. **O Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque.** Os sumos sacerdotes, segundo a ordem de Arão, quando morriam, eram substituídos por seus filhos. O Senhor Jesus, contudo, por quanto eterno e Pai da eternidade, tem um sacerdócio eterno; pertence à ordem de Melquisedeque, cujo nascimento e morte a Bíblia não relata (Sl 110.4). Nenhuma genealogia temos desse misterioso personagem; esse fato, por si só, tipifica a eternidade de Jesus como o nosso sumo sacerdote.

Morrendo em nosso lugar e por nós, vencendo a morte pela ressurreição, intercede ininterruptamente pelos que O recebem como Salvador, garantindo-nos, assim, eterna salvação (Hb 5.9). O que dizer da oração sacerdotal de Cristo? (Jo

A Bíblia mostra-nos que o nosso Pai celeste, de fato, está irado por causa de nosso pecado; mas a Sua ira não se parece com a ideia que os índios astecas tinham de seus deuses. Não precisamos temer e nem ficarmos na dúvida concernente ao que precisamos fazer a fim de afastar a Sua ira. Ele mesmo fez isso. Ele ofereceu o Seu próprio sacrifício – o Seu Filho. Por meio de Sua morte, pagou a penalidade e endireitou tudo. Quando Jesus assim fez, a justiça divina foi mantida. O pecado foi coberto, a penalidade foi paga, e o homem foi perdoado e teve acesso ao Deus santo. Paulo explica isto quando escreve aos romanos:

“Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus. Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rm 3.24-26).

A morte de Cristo também tem aplicações práticas à nossa vida diária. Em sua carta às igrejas da Galácia, disse Paulo: “Estou crucificado com Cristo...” (Gl 2:20). Também escreveu: “E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências” (Gl 5:24). Isso envolve a crucificação do nosso “eu”, o que significa que devemos desistir dos nossos desejos, a fim de fazer somente aquilo que agrada ao Senhor. A crucificação de Cristo deve tornar-se a nossa crucificação. A

17). Sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, o Senhor Jesus foi, no sacrifício vicário do Gólgota, o oficiante e a vítima, ao oferecer-se, de uma vez por todas, para resgatar-nos de nossos pecados (Hb 7.26-28). O autor da Epístola aos Hebreus coloca o sacerdócio de Cristo como infinitamente mais elevado que o de Arão, porque: 1) Ele é o oficiante e a vítima (Hb 7.27); 2) Ele foi tentado à nossa semelhança e, por isso, tem condições de compadecer-se de nós (Hb 4.15); 3) Conhecendo as nossas fraquezas, Ele intercede por nós (Hb 2.17,18; 1 Jo 2.1,2).

3. **O Rei dos reis.** Após a sua ressurreição, e já prestes a subir ao Pai, afirmou Jesus: “É-me dado todo o poder no céu e na terra” (Mt 28.18). Naquele momento, assumia Jesus o governo não somente do mundo,

como de Israel e da Igreja. Ele é o soberano dos reis da terra (Ap 1.5). É o rei de Israel e cabeça da Igreja (Jo 1.49; Cl 1.18). Como herdeiro do trono de Davi, assumirá o governo do mundo durante o Milênio, levando as nações remanescentes à plena obediência (Is 11.1-10; Ap 19.16).

salvação que Ele nos oferece dá-nos a possibilidade de vivermos uma vida santa – uma vida que realmente agrade a Deus. Isso deve tornar-se uma realidade, quando entregamos a nossa vida aos cuidados de Seu senhorio, permitindo que o Seu Santo Espírito nos controle (Rm 8.5-11).

A Ressurreição

A obra de nosso Senhor Jesus Cristo teria sido incompleta e a nossa fé seria inútil, se Ele não tivesse voltado à vida (ver 1 Coríntios 15.5). A ressurreição marcou o término da Sua obra salvífica sobre a face da terra. A ressurreição de Jesus Cristo, portanto, fez o cristianismo tornar-se distinto de todas as outras religiões e crenças. Nenhuma outra religião pode dizer que o seu fundador deixou o túmulo vazio. Nós, os cristãos verdadeiros, não costumamos nos reunir no lugar onde jazem os restos mortais de nosso Senhor, porquanto Ele não ficou no sepulcro! Nós O exaltamos como nosso Salvador vivo! Ele venceu a morte! E, visto que Ele está novamente vivo, temos herdado a vida eterna.

A ressurreição de Cristo é a pedra angular da fé cristã. Sem a ressurreição, a morte Dele não teria a menor significação, porquanto foi através dela que mostrou a eficácia de Sua morte, valorizando-a. A respeito disso, escreveu o apóstolo Paulo: “O qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação” (Rm 4.25).

Há muitas razões pelas quais a ressurreição reveste-se de tanta importância para nós. Observemos alguns dos resultados mais significativos desse grande acontecimento:

1. A ressurreição mostra-nos que a obra de Cristo, como substituto do pecador, foi aceita. Podemos ter a certeza de que Deus aceitou a morte substitutiva de Cristo, pois Deus o ressuscitou dentre os mortos (At 2.24,32; 3.15; 4.10; 5.30).
2. A ressurreição confirma a deidade de nosso Senhor, Jesus Cristo. Paulo declara, em Romanos 1.4: “(Jesus) declarado Filho de Deus em poder, segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos...”.
3. Em virtude de Sua ressurreição, Cristo tornou-se o nosso sumo sacerdote, na presença de Deus (Hb 9.24). Ele é o nosso intercessor (Rm 8.34), o nosso executivo nas dimensões celestiais (Ef 1.20-22), o nosso mediador (1 Tim 2.5), e o nosso

advogado ou defensor (1 Jo 2.1). Assim, completando o livramento da servidão que Ele nos deu por meio de Sua morte, Cristo intercede em nosso favor, perante o trono da graça.

4. A ressurreição demonstra o grande poder de Deus, por nos haver provido a salvação. Podemos ter a certeza de que Ele nos suprirá do poder necessário para viver para Ele e servi-Lo com eficácia (comparar Filipenses 3.10 a Filipenses 1.6). Ele é todo-poderoso.
5. A ressurreição é a nossa garantia de que aqueles que morrem em Cristo serão ressuscitados dentre os mortos (Jo 5.28; 6.40; Rm 8.11; 1 Co 15.20-23; 1 Ts 4.14).

A ressurreição, por conseguinte, foi uma apropriada conclusão da missão salvadora de Cristo. Tudo foi planejado desde a eternidade passada, mas foi colocado em execução quando Deus rompeu a cadeia da existência humana através da encarnação. Tendo vivido uma vida perfeita, Cristo morreu como o perfeito substituto dos pecadores, pagando a penalidade imposta ao pecador. Ao assim fazer, Ele acalmou a ira de Deus, reconciliou o pecador com Deus e restaurou ao pecador a capacidade de reagir favoravelmente ao Espírito Santo. Então completou-se a obra de Cristo na terra e, finalmente, chegou o tempo de Ele retornar ao Pai. Sua missão fora completada!

Ascensão e Exaltação de Cristo

O registro do Novo Testamento mostra-nos que, depois de quarenta dias de ministério, após a Sua ressurreição, Cristo ascendeu ou retornou ao céu: “E, quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o aos seus olhos” (At 1.9). A ressurreição e a ascensão de Cristo estão intimamente ligadas na pregação dos apóstolos (ver Atos 2.32-35; Efésios 1.20; 1 Pedro 3.21-22). Esses dois eventos são o começo da exaltação de nosso crucificado Senhor.

A palavra ascensão refere-se ao evento no qual Cristo retornou aos céus. A palavra exaltação fala do fato de que Ele foi “elevado” a um nível superior. Jesus foi elevado a uma posição de honra e glória, à mão direita do Pai. Sua ascensão e exaltação são extremamente significativas para nós. Em Sua exaltação, Cristo recebeu o lugar que Lhe cabia por direito como Soberano (At 2.33-36; 5.31; Ef 1.19-23; Hb 2.14-18; 4.14-16). Essa exaltada posição resultou em alguns admiráveis benefícios para o Seu povo, alguns dos quais observaremos a seguir:

1. Apesar de estar agora no céu, espiritualmente falando Jesus está presente em todos os lugares, enchendo o Universo inteiro (Ef 4.10). Portanto, Ele é o objeto ideal da adoração de todas as pessoas (1 Co 1.2).
2. Jesus entrou em Seu ministério sacerdotal no céu, conforme já pudemos destacar (Hb 4.14; 5.5-10).
3. Ele tem distribuído dons entre Seu povo (Ef 4.8-11). Isso inclui dons a indivíduos (1 Co 12.4-11) e à Igreja, coletivamente falando (Ef 4.8-13).
4. Ele derramou o Espírito Santo sobre o Seu povo (At 2.33).
5. Na qualidade de exaltado Príncipe e Salvador, Ele está dando oportunidade de arrependimento e fé às pessoas (At 5.31; 11.18; 2 Pe 1.1).
6. Nosso Senhor, assunto ao céu e exaltado, levou consigo a Sua natureza humana (o Seu corpo humano glorificado). Esta ideia é salientada na epístola aos Hebreus, onde o escritor declara que, visto que Jesus participou das nossas experiências humanas, também é capaz de ser um Sumo sacerdote misericordioso e fiel (Hb 2.14-18; 4.14-16). Esse é um tremendo motivo para o nosso fortalecimento e consolo.

CONCLUSÃO

Vimos que todas as obras de Cristo têm um grande significado para nós. Por meio de Sua morte, Ele pagou a pena imposta aos nossos pecados. Sua ressurreição confere-nos a certeza da vida eterna com Ele. Através da Sua ascensão e exaltação, Ele foi elevado ao Seu devido lugar como o nosso Senhor Soberano. Agora, Ele edifica a Sua Igreja e cuida dela, provendo-lhe tudo quanto é necessário, a fim de conduzir-nos à maturidade espiritual.

EXERCÍCIOS

Marque “C” para certo e “E” para errado

- ___ 3.19 Pela morte de Cristo, a justiça divina foi mantida, o pecado foi coberto, a penalidade foi paga, o homem foi perdoado e teve acesso ao Deus santo.

- ___3.20 Por meio de Seu sacrifício, Cristo fez expiação pelos nossos pecados, cobrindo-os com os efeitos de Sua morte, pois morreu como o nosso substituto.
- ___3.21 Por causa da morte de Cristo, não teremos de responder pelos nossos pecados, mesmo que continuemos na prática pecaminosa.
- ___3.22 A crucificação de Cristo deve tornar-se a nossa crucificação. A salvação que Ele nos oferece dá-nos a possibilidade de vivermos uma vida santa – uma vida que realmente agrade a Deus.
- ___3.23 A ressurreição de Cristo fez do cristianismo uma das diversas religiões cujo fundador regressou à vida.
- ___3.24 A ressurreição e a ascensão de Cristo estão intimamente ligadas na pregação dos apóstolos. Esses dois eventos são o começo da exaltação de nosso Senhor crucificado.
- ___3.25 Nosso Senhor, quando assunto ao céu e exaltado, levou consigo a Sua natureza humana (o Seu corpo humano glorificado).
- ___3.26 A palavra ascensão refere-se ao evento no qual Cristo retornou aos céus. A palavra exaltação fala do fato de que Ele foi “elevado” a um nível superior, a uma posição de honra e glória, à mão direita do Pai.

Assinale com “X” a alternativa correta

- 3.27 As razões pelas quais a ressurreição de Cristo reveste-se de tanta importância para nós são:
 - ___a) A ressurreição mostra-nos que a obra de Cristo, como substituto do pecador, foi aceita por Deus.
 - ___b) A ressurreição é a nossa garantia de que aqueles que morrem em Cristo serão ressuscitados dentre os mortos.
 - ___c) Em virtude de Sua ressurreição, Cristo tornou-se o nosso sumo sacerdote, na presença de Deus
 - ___d) Todas as alternativas estão corretas.
- 3.28 A exaltação de Cristo resultou em admiráveis benefícios para o Seu povo, que são:
 - ___a) Jesus está presente em todos os lugares, enchendo o Universo e, portanto, é o objeto ideal da adoração de todas as pessoas (Ef 4.10; 1 Co 1.2).

- ___b) Jesus derramou o Espírito Santo sobre o Seu povo e tem distribuído dons, individualmente e à Igreja como um todo (At 2.33; 1 Co 12.4-11; Ef 4.8-13).
- ___c) Na qualidade de exaltado Príncipe e Salvador, Jesus está dando oportunidade de arrependimento e fé às pessoas (At 5.31; 11.18; 2 Pe 1.1).
- ___d) Todas as alternativas estão corretas.

REVISÃO DA LIÇÃO

Marque “C” para certo e “E” para errado

- ___3.29 Devido a suas limitações humanas, Jesus experimentou o cansaço, a fome e, finalmente, a morte.
- ___3.30 O fato de os escritores sagrados traçarem a linhagem de Jesus até Davi, Abraão e Adão evidenciam a Sua humanidade.
- ___3.31 Uma das evidências da humanidade de Jesus é que Ele demonstrou um progresso mental, físico, espiritual e social (Lc 2.40).
- ___3.32 O treinamento que Jesus recebeu de Seus piedosos pais, sua frequência à sinagoga, suas visitas ao templo, o estudo e aplicação das Escrituras, somados à oração, em nada contribuíram para o seu desenvolvimento.
- ___3.33 Possuindo os mesmos atributos naturais e comunicáveis de Deus Pai, que comprovam a Sua deidade, Jesus é onipotente, onisciente, onipresente, eterno e imutável.
- ___3.34 Jesus preferiu não se utilizar de Seus poderes divinos para escapar da cruz, porque sabia que, a menos que se submetesse ao sofrimento e à morte, jamais poderia cumprir a Sua missão de salvar os pecadores.
- ___3.35 Após cumprir cabalmente a Sua missão terrena, Jesus retomou todas as Suas características divinas, incluindo o Seu atributo de conhecer todas as coisas.
- ___3.36 Pela morte de Cristo, a justiça divina foi mantida, o pecado foi coberto, a penalidade foi paga, o homem foi perdoado e teve acesso ao Deus santo.

- ___3.37 Por causa da morte de Cristo, não teremos de responder pelos nossos pecados, mesmo que continuemos na prática pecaminosa.
- ___3.38 Nosso Senhor, assunto ao céu e exaltado, levou consigo a Sua natureza humana (o Seu corpo humano glorificado).
- ___3.39 A palavra ascensão refere-se ao evento no qual Cristo retornou aos céus. A palavra exaltação fala do fato de que Ele foi “elevado” a um nível superior, a uma posição de honra e glória, à mão direita do Pai.
- ___3.40 A ressurreição de Cristo é a garantia de que os salvos por Ele serão ressuscitados dentre os mortos.

Assinale com “X” a alternativa correta

- 3.41 São direitos divinos exercidos por Jesus, e que comprovam a Sua divindade:
- ___a) receber adoração da parte dos homens;
 - ___b) perdoar pecados e ressuscitar mortos;
 - ___c) e exercer a autoridade de julgar;
 - ___d) Todas as alternativas estão corretas.
- 3.42 Reivindicações de Sua deidade feitas pelo próprio Senhor Jesus:
- ___a) que Ele é o Filho de Deus e Ele e o Pai são um.
 - ___b) que Ele é o único caminho para o Pai.
 - ___c) que orassem em Seu nome.
 - ___d) Todas as alternativas estão corretas.
- 3.43 A declaração que reflete com exatidão a doutrina cristã acerca da natureza da encarnação do Senhor Jesus Cristo é:
- ___a) Jesus era Deus passando-se por homem.
 - ___b) Jesus deixou de ser Deus para tornar-se homem.
 - ___c) Jesus é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem.
 - ___d) Todas as alternativas estão corretas.
- 3.44 O propósito principal da encarnação foi
- ___a) pôr em ação o plano de redenção do homem, traçado por Deus.

- ____b) pôr fim aos dez mandamentos.
- ____c) estabelecer um exemplo moral para a humanidade seguir.
- ____d) Todas as alternativas estão corretas.

3.45 A exaltação de Cristo resultou em admiráveis benefícios para o Seu povo, que são:

- ____a) Jesus está presente em todos os lugares, enchendo o Universo e, portanto, é o objeto ideal da adoração de todas as pessoas (Ef 4.10; 1 Co 1.2).
- ____b) Jesus derramou o Espírito Santo sobre o Seu povo e tem distribuído dons, individualmente e à Igreja como um todo (At 2.33; 1 Co 12.4-11; Ef 4.8-13).
- ____c) Na qualidade de exaltado Príncipe e Salvador, Jesus está dando oportunidade de arrependimento e fé às pessoas (At 5.31; 11.18; 2 Pe 1.1).
- ____d) Todas as alternativas estão corretas.